

ORDENS RELIGIOSAS E MISSÕES NO VICE-REINO DO PERU

Ronaldo Pereira Gonçalves¹

RESUMO: Este ensaio é uma narrativa histórica e está inserido no âmbito da “escola francesa” de Relações Internacionais, que considera o Estado como ator internacional. O tema é parte de um estudo em elaboração e examina as Ordens religiosas que enviaram missionários para evangelizar os indígenas do Vice-Reino do Peru. O movimento missionário faz parte da História Colonial Sul-Americana, na qual Igreja e Estado estavam associados no mesmo empreendimento. Reuniram-se aqui algumas ideias gerais sobre Franciscanos, Jesuítas e Mercedários bem como sobre as pregações e reduções. A análise sobre o Real Patronato conduz para ideia de que houve um clientelismo entre Estado e Igreja comprovado pelas atividades do Tribunal do Santo Ofício. O exame da estrutura física das Missões Jesuíticas converge para ideia da influência da obra *Cittá del Sole*, de Tommaso Campanella. Nesse contexto, assumem importância as Missões de Maynas, onde permanece a memória do padre Samuel Fritz, organizador de inúmeras cristandades. Tal precedente histórico foi utilizado, no século XX, para justificar a demanda territorial do Equador.

PALAVRAS-CHAVE: Relações Internacionais, História da América, Peru, Equador, Missões

RELIGIOUS ORDERS AND MISSIONS IN THE VICE-REINO OF PERU

ABSTRACT: This essay is a historical narrative and is inserted under the “French school” of international relations, that considers the state as an international actor. The theme is part of a larger study in progress and examines the religious orders that sent missionaries to evangelize the Indians of the Viceroyalty of Peru. The missionary movement is part of South American Colonial history, in which church and state were associated in the same enterprise. Gathered here some general ideas about the Franciscans, Jesuits and Mercedarians as well as the predications and reductions. Analysis of the Real Patronato leads to the idea that there was a patronage of church and state established by the activities of the Tribunal of the Holy Office. The examination of the physical structure of the Jesuit Missions converges to the idea of the influence work *Citta del Sole*, Tommaso Campanella. In this context becomes important missions of Maynas, where it remains the memory of priest Samuel Fritz organizer of many christian societies. This historical precedent was used in the twentieth century, to justify the territorial claim of Ecuador.

KEY-WORDS: International Relations, History of America, Peru, Ecuador, Missions

¹ Doutor em História pela UNESP. Professor da Unioeste – Campus de Marechal Cândido Rondon.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O ensaio que aqui se apresenta faz parte de um estudo maior em desenvolvimento e constitui-se de uma narrativa histórica, no âmbito das Relações Internacionais. Essa jovem ciência - que tem suas origens e estruturação na metade do século XX, através de um grupo de professores franceses - considera a passagem de um grupo de pessoas (inclusive religiosos) através de uma fronteira jurisdicional, como fato característico da formação da sociedade internacional. Para esses estudiosos, entre os quais Jean Baptiste DUROSELLE (1958), também fica claro que o Estado, como órgão normatizador da vida política de uma nação (ou país) é, na verdade, o principal ator internacional.

Passando ao objeto de estudo desta investigação, trata-se de um breve recorte histórico das atividades de evangelização da Igreja Católica, nos domínios do Vice-Reino do Peru, através das congregações religiosas européias que chegaram à “Ciudad de los Reyes”, depois Lima, no século XVI. Mais especificamente, o que se pretende analisar é em que consistiu a evangelização dos indígenas e qual o resultado obtido.

Para a execução deste trabalho buscou-se o método histórico dedutivo, tendo como ponto de partida a generalização do grande movimento religioso de evangelização promovido pela Igreja Católica. E a especificidade da investigação constitui-se no exame das atividades das congregações religiosas voltadas para a catequização no Vice-Reino do Peru.

As informações e os dados para pesquisa sobre a evangelização no Peru foram buscados no 49º Congresso Internacional de Americanistas realizado em Quito (1997), organizado pelo padre jesuíta Manuel MARZAL S.J. Outros dados foram colhidos na VI Jornada Internacional sobre Missões Jesuíticas (1996), organizada pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Além dessas informações, a pesquisa concentrou-se em destacados tratadistas da evangelização indígena, como Perez ABAD (1992), Guisei FORT (1992), Andrés Mille (1958) e, igualmente importantes, as consultas à BÍBLIA (1969) para melhor entendimento da pregação.

As grandes navegações marítimas dos europeus entre os séculos XV

e XVI, que concorreram para dilatar o horizonte geográfico da época, eram promovidas pelos Estados europeus e Companhias de Comércio que sempre estiveram associadas a grandes lucros, obtidos no comércio de mercadorias transportadas nas rotas comerciais que demandavam para o Oriente. Nesse contexto de expansão comercial, expedições de Portugal e Espanha chegaram à América e deram início à conquista do território e exploração das riquezas encontradas. Como consequência dessas atividades, os espanhóis, ao chegarem à América, depararam-se com a necessidade de organizar a administração da colônia, então o imperador Carlos V, através da cédula real de 1542, criou os Vice-Reinos do México e Peru. Essa disposição Real compreendia quase todos os domínios espanhóis na América do Sul, exceção feita a uma região ao norte, onde foi criada a Capitania-Geral da Venezuela. Cabe destacar, portanto, que durante os séculos XVI-XVII, a compreensão do conceito geográfico de Peru era bastante diverso do atual.²

Nessa interrelação de circunstâncias, também vieram, com as expedições espanholas, o idioma, a cultura, as doutrinas católicas e os padres das Ordens religiosas que converteram os indígenas ao catolicismo. As Missões no Vice-Reino do Peru podem, portanto, ser entendidas como parte de um contexto internacional da Igreja Católica interessada em evangelizar as populações autóctones da colônia espanhola. Não era somente um elementar sentimento de caridade cristã, mas também estava em causa, em conluio com o governo de Madri, a posse da terra e a vigilância permanente (através da Inquisição) aos protestantes, judeus e inimigos do Estado, que pudessem ameaçar o governo ou autoridades constituídas. Cabe ressaltar que, na tessitura dos acontecimentos, encontra-se não só o natural zelo dos missionários, mas também o vínculo entre a Igreja e a Coroa espanhola que a amparava através do Real Patronato.

Como é conhecido, foram cinco as Ordens religiosas que chegaram ao Vice-Reino do Peru, no século XVI, para evangelizar e pregar a doutrina católica; muito embora alguns estudiosos afirmem que o motivo da vinda dos padres foi para, de alguma forma, exercer o controle político ou a submissão dos indígenas às autoridades reais. Seja como for, nos tempos

² Posteriormente, com a criação do Vice-Reino de Nova Granada e capitanias gerais do Chile e Venezuela, os limites do Vice-Reino do Peru foram alterados e reduzidos.

da conquista espanhola, vieram os Mercedários, Jesuítas, Agostinianos, Franciscanos e Dominicanos.

Não custa explicar o entendimento sobre Ordens religiosas. De modo simples, é possível dizer que são institutos religiosos que se regem pelos mesmos votos solenes e que têm como razão principal a pregação dos ensinamentos de Jesus Cristo a todas as pessoas em todas as partes. Cada Ordem tem uma atividade específica que corresponde ao seu próprio trabalho.

Das Ordens religiosas que vieram para o Peru, cabe destacar a dos Franciscanos,³ dos Jesuítas e dos Mercedários; e todas três desempenharam um papel relevante no processo de evangelização dos povos indígenas. As demais ordens atuaram mais na pregação e no ensino, como os dominicanos que produziram vários manuscritos sobre gramática e vocabulário do idioma quíchua.

A Ordem franciscana emerge para a História, em 1209, quando o papa Inocêncio III autoriza Giovanni Pietro Bernardone, depois São Francisco de Assis, a criar a Ordem predicante dos frades menores cujos membros passaram a ser conhecidos por franciscanos. É a Ordem com maior número de religiosos que chegou ao Peru. Eles começaram a vir já com a primeira expedição espanhola às costas do Peru, isto é, chegaram junto com Francisco Pizarro em 1531. Uma década depois, iniciaram o trabalho missionário a partir do Convento de São Francisco, construído em Lima. Essa Ordem destacou-se, sobretudo por sua vocação missioneira,

³ A Ordem Franciscana tem suas origens com Francisco de Assis e foi aprovada pelo Papa Honório II em 1223. Seu fundamento está na fidelidade aos evangelhos, na pregação da fé em Cristo e no voto de pobreza. Os franciscanos constituíram-se na mais numerosa ordem religiosa católica e suas Missões dirigiram-se a pontos diversos como a América, Ásia, África e Austrália. Na América do Sul, os missionários franciscanos evangelizaram povos autóctones do Peru, Equador, Paraguai e Brasil. Da Europa partiam em pequenos grupos acompanhando os espanhóis e portugueses, tendo chegado ao Peru em 1531 junto com a expedição de Francisco Pizarro. Os franciscanos contribuíram de modo notável para a colonização espanhola na América do Sul, pois, além de fundarem conventos, colégios e igrejas em Lima, Trujillo e Cuzco, também evangelizaram o gentio, estabelecendo Missões no baixo Vale do Ucayali. É mister destacar os aspectos civilizadores das Missões de Monoa, onde foram criadas sete reduções indígenas na bacia do Ucayali e seus afluentes Pisqui e Aguaytia, dando início à colonização da Pampa del Sacramento, região peruana situada onde, hoje, estão os departamentos de Junin e Madre de Diós. Essas missões, entretanto, tal como a dos jesuítas, sofreram não só com a hostilidade do indígena, mas também com o egoísmo político e econômico dos colonos europeus.

seguindo seu principal dogma que estabelece a alegria de servir a Deus e ao próximo, em particular, aos mais pobres. Os franciscanos foram às regiões mais remotas do Peru, levando a palavra de Deus ao gentio porque não se conformavam em ensinar a doutrina católica somente nos locais em que havia as suas paróquias. Para eles, a palavra do Senhor, manifestada na Bíblia, deve ser ensinada a todos sem discriminação alguma. Em consequência de sua alma missioneira levá-los às regiões de selva, muitos frades perderam a vida ao tentar a conversão dos selvagens. Convém observar que os franciscanos também trabalharam nas regiões agrícolas ensinando o idioma espanhol e a doutrina da Igreja.

Por sua vez, a Companhia de Jesus chegou ao Vice-Reino do Peru, em 1568, sendo seus membros designados, em todo o mundo, pelo nome de Jesuítas.⁴ Essa ordem religiosa católica e romana tem como fundador Santo Inácio de Loyola e recebeu aprovação do papa Paulo III em 1540.⁵ Loyola escreveu as constituições jesuítas, que deram origem a uma organização rigidamente disciplinada, enfatizando a absoluta abnegação e a obediência ao Papa e aos superiores hierárquicos. O seu principal objetivo é a perfeição cristã para maior glória de Deus, "Ad maiorem Dei gloriam" (a maior glória de Deus).

A Ordem Jesuíta defendeu o povo indígena ganhando com isso a inimizade dos governos gerais e municipais. Seu trabalho envagelizador foi feito não só em locais distantes e selváticos como Maynas, mas também

⁴ A Companhia de Jesus foi criada no contexto da reação da Igreja Católica contra a degradação moral dos padres seculares nas primeiras décadas do século XVI. O fundador desta Ordem religiosa, Inácio de Loyola, estruturou uma instituição que primava pelo rigor da disciplina e obediência além de resistência física e firmeza de espírito para enfrentar difíceis situações, fossem elas emocionais ou morais. O grupo de religiosos liderados por Inácio de Loyola passou a ser conhecidos pelo nome de jesuítas e consideravam-se verdadeiros soldados de Cristo tendo escolhido o lema *Ad Majorem Dei Gloriam*. A Companhia de Jesus valorizava a vida pobre e simples daqueles que eram humildes e sóbrios evocando os primeiros cristãos e, além disso, as críticas que fizeram ao mercantilismo e aos costumes desregrados da época renderam-lhes muitas objeções e acusações não só entre os *criollos* da América, mas também nas Cortes europeias. Os jesuítas dedicaram-se a vários ramos de atividades e, atuando como educadores e missioneiros, destacaram-se em relação a outras Ordens religiosas.

⁵ Inácio de Loyola era um militar espanhol que ao participar da defesa de Pamplona, sob assédio francês, foi ferido em combate. Em sua longa convalescença, ocupou-se com literatura religiosa principalmente sobre a vida de Jesus e a dos santos. Posteriormente, retirou-se para o Mosteiro de Montserrat e abraçou uma vida de penitências tornando-se um religioso de grande fervor. Nesse período, escreveu a obra *Exercícios Espirituais* que colaborou decisivamente para a criação de uma nova ordem religiosa: A Companhia de Jesus.

junto a elite dos falantes do idioma quíchua no vale sagrado dos Incas. Esse procedimento levou-os a fundar templos católicos e escolas nas principais cidades do Peru, principalmente em Cuzco e Lima. Tal apoio aos indígenas fez com que a Ordem Jesuítica ganhasse o assentimento do povo, expandindo seu trabalho catequético. Cabe ainda dizer, sobre os Jesuítas, que eles fundamentaram o seu trabalho evangelizador na educação dos indivíduos inculcando nos peruanos a fé católica além dos valores e virtudes cristãs.

De acordo com Manuel MARZAL S.J.,

Los Jesuitas que llegaron al Brasil en 1549 y al Perú en 1568 evangelizaron los habitantes de las zonas periféricas de las colonias y en especial el área de la cambiante frontera hispano-portuguesa de América. Los religiosos trataron de establecer un sistema colonial diferente al oficial, el mismo que partía de la reducción de los indios en poblados con planteamientos urbanísticos y espaciales diversos y una eficiente organización social política y económica todo esto dentro de una constante y profunda evangelización de los pobladores. (1997, p.2)

A Ordem dos Mercedários tem suas raízes no início do século XII, quando quase toda a Península Ibérica agitava-se sob o jugo muçulmano. Naquela época, havia considerável número de católicos presos e escravizados pelos mouros. Realidade ou não, em agosto de 1223, a Santíssima Virgem manifestou-se em sonhos, na mesma noite, a São Pedro Nolasco, a São Raimundo de Penaforte e a Jaime I de Aragão, todos envolvidos na reconquista cristã e dedicados à causa dos católicos, dizendo-lhes: % *“Deus quer que estabeleça uma Congregação Religiosa para o resgate dos cativos”*. Certos de que essa era a vontade de Deus, fundaram A Ordem religiosa de Nossa Senhora das Mercês naquele mesmo ano. Organizaram, então, as constituições da Regra da Nova Ordem, que teve acolhimento do povo e dos nobres. Já, em 1235, a Nova Regra obteve aprovação da Santa Sé. Estava habilitada, portanto, a “Ordem Real e Militar de Nossa Senhora das Mercês da Redenção dos Cativos” para exercer suas atividades. Além dos votos de pobreza, obediência e castidade, faziam também o de se tornarem escravos, se fosse necessário, para salvar os prisioneiros. A Ordem de Nossa Senhora das Mercês, após sua aprovação pelo papa Gregório IX, espalhou-se pela Europa.

Os primeiros Mercedários chegaram à América junto com a segunda expedição de Cristóvão Colombo. Em 1534, outros padres desta Ordem desembarcaram em Lima, capital do Peru, para catequizar os povos submetidos pelos conquistadores. Eram poucos sacerdotes, porém, participaram também da edificação de Lima, construindo capelas, igrejas e conventos.⁶ Os Mercedários, portanto, não só predicaram, mas também evangelizaram os povos indígenas da região próxima a Lima. Além disso, alguns mercedários seguiram em Missão, para estabelecer cristandades em locais de difícil acesso situados na Cordilheira dos Andes e na *Ceja alta* (encostas andinas recobertas pela selva), onde evangelizaram vários grupos indígenas ao mesmo tempo em que desbravavam a região. De suas reduções, cabe destacar as que levam os nomes dos missionários Martin de Murua e Fray Diego de Porres. E não custa dizer que, em 1730, a Virgem das Mercês, foi proclamada “Patrona dos Campos do Peru” e, em 1823, “Patrona das Armas da República do Peru”.

2. O REAL PATRONATO

O Real Patronato pode ser entendido como as relações entre a Igreja e o Estado espanhol, no âmbito colonial hispano-americano. Sem haver precisão de datas, desde muito tempo, os reis da Espanha haviam recebido do Papa, várias atribuições sobre a organização eclesiástica em seus domínios, entre as quais, a de autorizar os padres a exercerem suas funções ou removê-los de uma localidade para outra. A rigor, pode-se dizer que esse tipo de relacionamento, ou seja, esse modelo de interferência do Estado na Igreja teve suas origens na península Ibérica, durante as lutas de reconquista dos reinos católicos com os mouros, que se prolongaram durante vários séculos da Idade Média.

Quando, na Europa, em 1492, correu oficialmente a notícia da chegada da expedição de Cristóvão Colombo às terras desconhecidas,

⁶ Em 1536, os Mercedários edificaram, no centro de Lima, um convento e uma igreja dedicados a *Nuestra Señora de la Merced* (Nossa Senhora da Mercê). O primeiro prédio era em madeira; na construção atual, datada de 1591, em estilo Rococó, foram utilizados adobe e ladrilhos.

situadas a ocidente, (descobrimiento da América), houve não só excitação entre as pessoas, mas também acirradas discussões entre o poder temporal e o poder espiritual. Tal situação foi colocada perante o papa Alexandre VI que, após estudos, apresentou uma normatização sobre as intervenções da Coroa espanhola na religião católica. Para esse fim específico publicou as conhecidas bulas *Inter coetera*, *Eximae devotionis* e *Dudum siquidem*, datadas de 1493, complementadas pela bula *Universales Ecclesiae*, de 1508, esta subscrita por Júlio II. Através desses documentos, era confiado aos “Reis Católicos” e a seus sucessores a evangelização dos povos americanos. E, para melhor executar a tarefa, autorizava-se a Coroa espanhola a estabelecer e administrar os dízimos e demais rendas que sustentavam a Igreja, ficando esta, a rigor, sob o sustento real.

Um exame mais detalhado da questão revela que a Igreja Católica gozava de prerrogativas e possuía o “dízimo” como principal fonte de renda. Esse era constituído por um imposto que a Coroa espanhola havia estabelecido em favor da Igreja. Na prática, significava que os particulares eram tributados pelo poder real, em 10% de seus ganhos, em favor do custeio da Igreja. Quanto às prerrogativas da Coroa espanhola, o rei isentava o clero de pagar impostos ao Estado.

Na verdade, como pode ser depreendido, a Igreja Católica, durante o tempo da colonização espanhola, fazia parte da administração pública. Convém dizer que ao rei da Espanha, através do Conselho de Índias, cabia promover e autorizar a construção de colégios, conventos, igrejas e mosteiros como também, nomear e enviar prelados de acordo com os interesses em questão. Com o transcurso do tempo, a intervenção da Coroa espanhola na vida eclesiástica foi tornado-se cada vez mais ampla e as bulas, breves, e demais disposições pontifícias não podiam ser divulgadas e nem praticadas nos domínios da Coroa da Espanha sem autorização real ou do Conselho de Índias. Nesse contexto, blasfemar contra sua Alteza Real equivalia a ofender a Igreja. E, para coibir o que na época se chamava de “abusos”, criou-se em Lima, tal como havia em Madri, o Tribunal da Inquisição do Santo Ofício, que, sob a autorização do Conselho de Índias, exercia, na capital do Peru, as funções de vigilante da fé e dos interesses da Coroa espanhola.

De tal forma eram as relações entre Coroa e clero que o rei da Espanha, de patrono tornou-se o vigário do Papa. Essa situação não eliminou pequenos atritos entre autoridades civis e eclesiásticas, mas não se tem notícias, nos domínios espanhóis, de que tenha havido maiores problemas de entendimento entre os poderes, resultantes de desarmonia entre a Coroa e Igreja Católica. Nesse particular, pode ser dito que a submissão das autoridades da religião católica à Coroa espanhola foi completa (poder temporal) bem como do rei da Espanha ao pontífice (poder espiritual). Enfim, falta dizer que uma análise sobre o Real Patronato conduz à ideia do sincronismo entre Igreja Católica e Coroa espanhola, fato que foi decisivo para o desenvolvimento das Missões na América espanhola.

3. O MOVIMENTO MISSIONÁRIO

O exame do Real Patronato mostra que Coroa espanhola estabeleceu as rendas da Igreja, na metrópole e no ultramar, e que os religiosos, na colônia americana, estavam sob controle do rei, através do Conselho de Índias. Essa, portanto, era a situação legal dos religiosos espanhóis no Peru, durante a colonização espanhola, entre os séculos XVI e XVIII.

A vinda dos missionários para as colônias americanas, e em particular para o Vice-Reino do Peru, não foi um planejamento isolado, mas fazia parte de todo um contexto internacional no qual Igreja e Estado espanhol estavam unidos em várias empresas, tendo a Ordem dos Franciscanos assumido grande importância nos momentos iniciais do movimento missionário. Os seguidores de São Francisco de Assis que acompanharam Cristóvão Colombo, Francisco Pizarro bem como foi franciscano Henrique de Coimbra, o oficiante da primeira missa no Brasil. São também franciscanos muitos dos elementos responsáveis pelas atividades do Tribunal do Santo Ofício na capital do Peru, o que cria uma situação paradoxal, pois as práticas desta instituição contrariam os princípios de São Francisco de Assis.

Pode-se dizer que a chegada do frade dom Marcos de Niza, junto com a expedição de Pizarro, em 1532, assinala os primórdios da

evangelização e do trabalho missionário no Vice-Reino do Peru. Se, por um lado, é verdade que os primeiros religiosos espanhóis que vieram anunciar o Evangelho na América foram os franciscanos, por outro, também é fidedigno que outras ordens religiosas européias enviaram seus membros para exercerem a pregação no Novo Mundo. E, desse modo, amparados pelo Estado, foram chegando os dominicanos, mercedários, agostinianos, jesuítas e outros religiosos que foram estabelecendo-se em longínquas possessões espanholas situadas na América Central, no Caribe e na América do Sul.

Esse movimento missionário da Igreja Católica passa, portanto, a fazer parte da História americana e, desenvolve-se não só nas colônias espanholas, mas também nos domínios portugueses. Nesse contexto, os jesuítas, principalmente, promoveram um notável trabalho missionário e o ensino de idiomas através de um conjunto de ações em várias regiões do continente americano.

Não foi, portanto, somente na Califórnia, no Canadá, no México, no Equador e no Peru que os jesuítas atuaram na conversão do indígena à fé católica, mas também nos atuais territórios da Argentina, Brasil e Paraguai, onde fundaram, em 1682, a povoação de São Francisco de Borja, o primeiro dos Sete Povos das Missões. O movimento missionário, como se observa, possuía um caráter geral e não uma circunstância regional. O trabalho de expansão e organização da Igreja Católica, na primeira metade do século XVI, é algo notável, pois, antes mesmo de terminar esse século, os templos, os conventos e os colégios já faziam parte de praticamente tudo que havia sido conquistado pelos governos de Lisboa e Madri.

O desenvolvimento das reduções foi bastante diverso, havendo o abandono ou decadência de algumas e um grande desenvolvimento de outras, dando origem a florescentes cidades e, outras, por problemas de caráter ambiental, temporal, numérico, moral, entre outros, pouco progrediram ou mesmo foram extintas. Nesse cenário, os “Sete Povos das Missões” constituíram o ápice de todo o movimento missionário. Cabe recordar que essas missões, localizadas em territórios que atualmente fazem parte do sul do Brasil, noroeste argentino e leste paraguaio, apresentaram um alto grau de desenvolvimento sociocultural.

A História Missioneira nas Américas apresentou, entretanto, um elevado número de martírios, perseguições, incompreensões e ingratidões. Na solidão da floresta desconhecida, inóspita e agreste, onde era penoso transitar, os missionários sobreviviam às flechas dos índios canibais, às mordidas de cobras venenosas, às picadas de insetos, à fome, à doença, aos rigores do clima, às epidemias e muitos outros problemas. Acrescentasse a esse quadro natural desfavorável a luta do missionário contra a avareza, a crueldade dos bandeirantes (conquistadores) e a incompreensão das autoridades encarregadas de apoiar a obra de civilização dos religiosos.

Para a Igreja Católica era muito importante e mesmo urgia ocupar a mentalidade do gentio do Novo Mundo, pois havia o risco de que as igrejas protestantes se estabelecessem de forma fixa e permanente no território latino-americano. Uma leitura dos autos do Tribunal da Inquisição do Santo Ofício de Lima revela processos contra luteranos, huguenotes e outras seitas, o que vem ao encontro da preocupação da Igreja Católica em tomar posse, o mais rapidamente possível, de todos os espaços conquistados pela Coroa espanhola antes que outra potência européia o fizesse. Como exemplo dessa preocupação, havia perfeito conhecimento das depredações que huguenotes e franceses faziam em florescentes portos caribenhos, através de ataques perpetrados por intermédio de corsários.

4. AS MISSÕES RELIGIOSAS NO VICE-REINO DO PERU⁷

As guerras de religiões na Europa, entre outras consequências, serviram como um divisor de águas político. Algumas monarquias como

⁷ Missão e Redução. O termo “Missão” adquiriu múltiplos significados, pois essa palavra foi usada indistintamente para dar várias ideias tais como: a) apostolado das várias ordens religiosas destinadas à pregação e conversão dos indígenas; b) povoado ou lugar de domicílio dos índios e seus missionários; c) região onde habitavam vários grupos indígenas aparentados ou próximos entre si; d) pregação religiosa propriamente dita, feita aos índios, realizada de modo permanente até sua conversão. Também recebia o nome de Missão Viva. A palavra “Redução” diz respeito à concentração permanente de índios em um povoado estabelecido por ordem e iniciativa do Estado, nele, a função do sacerdote era exclusivamente religiosa. Também significava as chamadas “missões vivas” de algumas ordens religiosas fundadas pelo zelo apostólico na qual os padres constituíam o centro organizador de toda ordem da vida espiritual e material dos povoados e aldeias indígenas. Outrossim, possui o sentido de reduzir os nativos à civilização. Este termo refere-se mais aos trabalhos feitos pelos jesuítas.

Espanha e Portugal decidiram permanecer firmemente ao lado da Santa Sé, acatando a religião católica com seus dogmas, liturgia, apostolado e direito canônico. E isso, não só pelo fervor religioso das populações ibéricas, mas também pelo já tradicional costume de intervenção do Papa nas questões políticas dos países ibéricos, através da expedição de bulas regulando as relações internacionais da Coroa espanhola e do Reino de Portugal. No desenrolar dos acontecimentos, o Papa Paulo III, através da bula *Regimini Militantis Ecclesiae*, publicada em 1540, aprovou a constituição de uma nova ordem religiosa, a “Companhia de Jesus” fundada por Inácio de Loyola.

As Ordens Religiosas que chegavam ao Vice-Reino do Peru construía, de acordo com as normas do Real Patronato, suas próprias igrejas, colégios, conventos e mosteiros, tanto em Lima, a capital, como em outras localidades e, desse modo, iniciavam a missão apostólica que lhes era confiada. Para a Coroa espanhola era importante que a Igreja Católica organizasse Missões nas áreas próximas às supostas fronteiras, porque o governo de Madri desejava conter a expansão dos luso-brasileiros com o aldeamento indígena. Nas distantes regiões de selva, mais próximas aos domínios do Reino de Portugal, a Coroa espanhola, em comum acordo com a Santa Sé, determinou o assentamento de “Reduções” para levar, a esses confins do mundo, a civilização cristã e os instrumentos de dominação espanhola. Nesse particular, a Ordem Franciscana e a Companhia de Jesus, tiveram destacada atuação apesar do desconhecimento da enorme extensão territorial, do reduzido número de missionários e, principalmente, da falta de recursos.

Dentro dos limites da propriedade espanhola, os jesuítas, além de manterem colégios e evangelizarem em Arequipa, Cuzco e Lima, desenvolveram um trabalho missionário junto a quatro grupos indígenas distintos: Maynas, ao norte do Rio Marañon (Departamento de Loreto, no Peru); Chiquitos, às margens do Rio Aparé, (atual Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia) Nojos, entre os Rios Beni e Mamoré, (Bolívia) e Chiriguanos, no vale do Rio Madre de Diós, (Peru).

Os franciscanos, por sua vez, além de levarem a civilização cristã para às populações autóctones e batizarem milhares de naturais na região próxima a Lima, estabeleceram Missões em locais distantes, junto a vários

outros grupos indígenas: cunibas, panatauas, carapachos, payansos, e caillisecas, todos falantes da língua quéchua. Estas antigas populações localizavam-se principalmente às margens dos Rios Ucayali, Perené e Chacamayo, que fazem parte dos atuais Departamentos peruanos de Junin e Ucayali.

Não passou despercebido aos missionários a necessidade de pregar o evangelho e fazer orações em línguas nativas. Esse fato levou os religiosos a estudarem as línguas indígenas e, como consequência, surgiram vocabulários e gramáticas em quéchua e aimará, cabendo destacar o trabalho linguístico do franciscano Luis Jerônimo de Oré. Nesse particular, também, os jesuítas houveram-se de forma admirável, salientando-se entre outros, o padre Diego Gonzales Holguin.

Esboçadas algumas linhas gerais sobre as atividades das duas Ordens Religiosas que mais trabalharam pela evangelização no Peru, será examinado a seguir as Missões de Maynas. Estas são consideradas por muitos estudiosos como as de maior importância no Vice-Reino do Peru, devido não só por terem levado os rudimentos da civilização a uma região de selvas, mas também pelas atuais implicações internacionais do seu território na demanda entre Peru e Equador.

5. AS MISSÕES DE MAYNAS

O território conhecido, desde o século XVII, pelo nome de Maynas, originalmente situava-se no Alto Marañon, seu acesso dava-se a partir da Audiência de Quito. Porém, essa circunscrição territorial foi estendendo-se para outras regiões formando uma vasta área que sugere ligeiramente uma figura quadriforme compreendida pelos rios Pastaza, Marañon, Amazonas e Napo. Na atualidade, é uma região peruana e faz parte do Departamento de Loreto.

A palavra Maynas significava inicialmente o nome de um numeroso grupo indígena natural dessa mesma região que se caracterizava por sua elevada estatura e robustez. Descobertos em 1616, três anos depois, estabeleceu-se a localidade de San Francisco de Borgia, às margens do Rio

Marañon, entregando-se o trabalho apostólico aos jesuítas.

Porém, somente em 1638 é que dois missionários da Companhia de Jesus, (Gaspar Cugia e Lucas de la Cueva) começaram a evangelização dos Maynas. O trabalho era bastante árduo, pois os dois jesuítas, junto com a autoridade militar do lugar e mais alguns índios, viajavam em canoas que, de modo geral, enfrentavam águas tempestuosas de rios que vazavam de densas florestas.

Em 1650, fundou-se a redução que deu origem à cidade de Santa Maria del Huallga, tendo-se, para tanto, nessa época, reunido os índios que viviam às margens desse rio, perto da confluência com o Marañon. A partir de então, a Companhia de Jesus passa a enviar mais missionários para evangelizar o gentio. Esse fato pode ser visto claramente como uma defesa dos interesses da Coroa espanhola contra as apetências dos portugueses vindos do Brasil, todavia, os inacianos eram escassos comparados à vastidão de Maynas.

Estabelecidas as reduções, os jesuítas deslocavam-se para outras áreas não especificadas, mas próximos aos confins do território espanhol, pois a intenção era não só levar o evangelho a outras comunidades indígenas como também fixar novas cristandades para obstaculizar a chegada dos luso-brasileiros. Assim, pois, os inacianos vão ministrando o batismo e estendendo a sua obra civilizadora pela região de Maynas, dando origem a pequenas reduções que, com o passar do tempo, evoluíram para núcleos urbanos. Foi assim que surgiram as localidades de São Ignácio, Santa Tereza, São Luiz, São Paulo de Paranauros, além de outras.

No ano de 1686, foi enviado para a Audiência de Quito, o padre Samuel Fritz⁸, um missionário da Companhia de Jesus a serviço da Coroa espanhola. Esse religioso, sem o saber teve, em sua época, um papel fundamental na catequização de vários povos indígenas nas várzeas do Alto Solimões, além de ter sido um dos grandes críticos à expansão portuguesa na região amazônica ocupada pela Espanha durante o século XVII.

⁸ Samuel Fritz nasceu em Trutnov, na Bohemia, em 1654, numa família nobre, ingressou num dos Colégios da Companhia de Jesus aos 19 anos. Após concluir seus estudos, solicitou trabalho missionário na América do Sul, tendo falecido em Jeberos, no Vice-Reino do Peru, em 1723.

Pouco após sua chegada, as autoridades de Quito atribuíram a Samuel Fritz o trabalho missioneiro em Maynas, pois os próprios naturais da terra, os Omáguas, estavam pedindo aos representantes do governo espanhol o envio de um missionário para tentar resolver a questão do avanço das tropas luso-brasileiras naquela região. E, assim, durante quarenta anos, Samuel Fritz trabalhou em grandes trechos do Rio Solimões, uma área que ia desde a foz do Rio Napo até a foz do Rio Negro, criando diversos aldeamentos onde foram catequizados os indígenas da região. Em toda essa extensa área, outras nações indígenas, além dos omáguas, foram reunidas em aldeamentos, podendo citar-se os jurimáguas, aisuares e ibanomas.

As ideias do missionário Samuel Fritz tornaram-se bastante conhecidas ao longo de ampla área do vale amazônico, onde sua influência e obra de organização de bases missionárias conseguiram chegar, estando tal presença identificada com o nascimento de várias das cidades, vilas e lugares do território amazônico, inclusive, parte dele, tomado pelo governo português. Samuel Fritz resume sua experiência na região de Maynás em seu Diário, importante fonte documental, pouco explorada em sua totalidade, mas que fornece dados de grande valor sobre a inserção de inúmeras aldeias indígenas à sociedade colonial e sobre o embate diplomático envolvendo as Coroas Ibéricas. Esse conjunto de folhas de Samuel Fritz tem sido referência nos estudos sobre os conflitos de fronteira entre Portugal e Espanha bem como na formação da Amazônia ocidental.

Importa dizer que, além do seu “Diário”, o padre Fritz produziu também uma carta geográfica assinalando os territórios que havia conquistado para a Coroa de Espanha. Tal mapa revela bons conhecimentos cartográficos de seu autor e serviu de ponto de partida para toda a cartografia subsequente, incluindo aí o mapa geral do Rio Amazonas organizado pela expedição de Charles-Marie de la Condamine, em 1743.

A obra de Samuel Fritz constitui, portanto, o momento inicial do pensamento social sobre a Amazônia e, em particular, sobre o pensamento antropológico. Suas notas sobre os vários povos e grupos indígenas com os quais conviveu, tanto do lado espanhol como do lado português, foram de inegável importância para identificação étnica dos indígenas da Amazônia mesmo em tempos mais recentes.

As descrições que Samuel Fritz fez dos indígenas, de suas línguas, costumes, crenças, artes e técnicas, constituem, não só um elemento de significação literária, mas também de inegável relevância etnológica, sobretudo quando se constata a raridade ou mesmo a inexistência de referências a determinados grupos e etnias frequentemente mencionadas em passagens do Diário.

Como já foi dito, porém, eram poucos os missionários que atuavam em Maynas, situação essa que causava inúmeras dificuldades. A esse problema somava-se a falta de recursos e as incursões dos bandeirantes luso-brasileiros vindos de áreas próximas à região de fronteiras. Mesmo assim, com todas essas adversidades, os jesuítas fizeram progressos. Em 1735, o total de missionários em Maynas não excedia 18 padres que atendiam cinco Reduções às margens do Rio Huallaga, três no Cavapanas, duas no Paztaza, quatro no Marañon, três no Negro e duas na região de Yameos.

No ano da inesperada expulsão dos Jesuítas, havia 32 Reduções com 19.000 almas. Na verdade eram poucos, porém muitos da população primitiva haviam sucumbido. Como causas, têm sido apontadas a mortalidade infantil, epidemias que dizimavam a população, doenças e incursões de bandeirantes luso-brasileiros que apresavam os índios ou os induziam a voltar para a selva. Por último, também ocorriam os levantamentos violentos de algumas tribos que, muitas vezes, assassinavam o missionário e, como ação subsequente, afastavam-se para outros locais de difícil acesso.

As missões de Maynas estiveram a cargo dos Jesuítas de 1637 até 1767, ano em que os interesses de latifundiários e escravagistas espanhóis moveram uma campanha contra os jesuítas, induzindo o rei Carlos III a subscrever a “Real Pragmática”, ou seja, o decreto de expulsão da Companhia de Jesus de todos os territórios da Espanha. Após esse ato, a Coroa espanhola, na expectativa de substituir o trabalho da Companhia de Jesus, nomeou padres seculares⁹ para dirigirem as Missões, fato que não apresentou bons resultados. Em tal situação, a Ordem Franciscana solicitou

⁹ Padres seculares são aqueles que não fizeram votos religiosos, que não estão, portanto, sujeitos a ordens monásticas.

ao rei da Espanha que lhes concedesse o controle das Missões de Maynas, o que de fato ocorreu em 1770.

Os franciscanos deram continuidade aos trabalhos dos inacianos e, se não conseguiram obter maior progresso, tampouco deixaram decair o que já havia sido feito.¹⁰ Em fins do século XVIII, porém, ocorreu um declínio geral do movimento missioneiro tendo em vista a secularização de doutrinas, o decréscimo do fervor missioneiro e a redução do número de missionários envolvidos com as Missões.

6. ESTRUTURA DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS

O exame da estrutura das reduções jesuíticas no Vice-Reino do Peru será mais bem compreendido se antes for averiguado o imaginário do missionário em relação a sua missão. Supõe-se que os padres jesuítas, ao chegarem à América do Sul, após terem estudado durante algum tempo as Sagradas Escrituras em uma comunidade religiosa, imaginavam que sua missão seria a de levar ao gentio inculto e politeísta a palavra de Jesus e, após, dar-lhes o batismo. Tal pensamento, obviamente, significava alterar condutas e valores para povoar a alma silvestre com a verdade revelada. Ademais, também significava substituir o culto indígena de objetos supostamente representativos de entidades espirituais ou de algum tipo de magia pela cruz e pela palavra de Jesus. Igualmente, o missionário não deixava de ter presente que o Estado e a Igreja eram duas instituições cujas determinações deviam ser acatadas, pois dessas duas fontes advinham as orientações e os recursos para levar até as populações indígenas os princípios da sociedade cristã.

De acordo com o entendimento de alguns estudiosos, a Companhia de Jesus, ao criar a estrutura do modelo de assentamento social indígena conhecido como redução, inspirou-se na obra *Cidade do Sol* de Tommaso Campanella. Para Giuseppe FORT:

¹⁰ Nas Missões de Monoa, os franciscanos, além de evangelizar a população autóctone, organizaram as pequenas comunidades, promovendo a agricultura da cana-de-açúcar e a coleta de produtos naturais como cacau, mangas e salsaparrilha. Para sustentar a missão foi organizado um incipiente processo de industrialização representado pela destilação da aguardente de cana, salga de peixes e fabrico de panelas. Esses produtos eram enviados para a fronteira do Peru com o Brasil, onde eram trocados por instrumentos e utensílios.

Secondo alcuni studiosi, nel creare la struttura sociale delle missioni i Gesuiti si sarebbero ispirati Allá "Cittá del Sole" di Tommaso Campanella: uno stato teocrático, totalitáριο, nel quale la vita di ognuno é regolata dall'autoritá religiosa in tutti particolari, come comunione dei beni, abbdizione di ogni forma di sopraffzzione e di ogni attivitá volto allo corpo di accumulare denaro. (1992, p.311)

O estudo de Tomasio de Campanela refere-se a um Estado teocrático, no qual a vida é regulada pela autoridade religiosa em todos os seus particulares e na comunhão de bens. Para outros historiadores, contudo, o "Conselho de Índias" através de suas próprias leis, estabeleceu suficientes normas e diretrizes com todas as instruções de como organizar as Missões.

De modo amplo, as reduções jesuíticas eram semelhantes entre si. O que mudava era o particular, ou seja, a característica do Jesuíta "adaptar" o método evangélico a cada tipo sócio-cultural com o qual se deparava. Em geral, as reduções eram providas com um padre e mais uma pessoa para auxiliar nos trabalhos, evitando-se, dessa maneira, um eventual estado de solidão do religioso. Além destes, vinha após, em grau de autoridade, uma assembleia composta pelos próprios indígenas. A vida nas reduções era ordenada, com horários regidos por badaladas de sinos que assinalavam os períodos de trabalho, oração e descanso, bem como davam o sinal de alarme para um eventual perigo de invasão de outras tribos ou mesmo de bandeirantes. Ali, os padres missioneiros não só praticavam os ritos católicos, mas também ministravam os sacramentos aos nativos e lhes ensinavam os segredos da agricultura, das artes musicais e da criação de animais domésticos.

Em geral, a disposição da área física da Missão apresentava uma praça como ponto central. À sua frente, situava-se a Igreja e contígua a esta, a casa do padre. Em posição inversamente proporcional, após a praça, localizavam-se as habitações indígenas, dispostas de modo simétrico e, nas proximidades, situavam-se as suas chácaras, onde praticavam a agricultura.

O trabalho significava civilização e era de suma importância. Ao constituir-se uma Redução, indicava-se a cada indígena uma parcela de terra que deveria considerá-la como sua, cultivando-a de acordo com a

sua conveniência. O conjunto de atividades produtivas era executado pelo índio em sua chácara e na propriedade comunal, onde todos davam a sua parcela de lida para colher os frutos da terra que revertia para a manutenção da Redução e daqueles que estavam enfermos.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas páginas iniciais afirmou-se que interessava saber, nesta pesquisa, como se processou a evangelização dos indígenas no Vice-Reino do Peru. E, por isso mesmo, foi destacado um recorte sobre o trabalho missionário no Peru. Essa forma de apresentar o assunto mostra que a existência das Missões somente foi possível com o amparo do Real Patronato, pois eram enormes as distâncias entre a metrópole e suas colônias americanas bem como entre as Audiências de Lima e Quito até as Missões de Maynas e Monoa. Fica evidenciado que a localização das Missões dos franciscanos no Baixo Ucayali e dos jesuítas no Alto Maranhão - ambas nas proximidades dos domínios territoriais de Portugal -, obedeceu a uma tentativa geopolítica espanhola de proteger as suas áreas de fronteira. Chegou-se a termo, portanto, de que o Real Patronato motivou a Igreja Católica a atender com presteza as necessidades da Coroa espanhola, criando reduções em áreas geográficas próximas aos domínios portugueses objetivando conter as investidas dos luso-brasileiros.

A análise do movimento missionário mostrou que as reduções promovidas pelas Ordens religiosas da Igreja Católica não se constituíram em uma atividade nacional, mas sim internacional, pois envolveu diretamente Espanha e Portugal e Ordens religiosas nascidas em outros países. Também foi percebido que o movimento missionário não foi obra de um único segmento da Igreja Católica, mas contou com a participação de várias ordens religiosas. Essas congregações religiosas - cujos membros, após proferirem os votos solenes, vivem sob a observância de uma determinada regra - enviaram missionários para os conventos, colégios e igrejas localizadas na jurisdição de diversas Audiências sul-americanas, fato este que leva à conclusão de uma universalidade da Igreja Católica.

Também se chegou a termo que houve submissão da Igreja ao Estado, sendo este fator preponderante para o desenvolvimento missioneiro. Um exame mais detalhado das condições da época indica que a Igreja, por seus próprios recursos, não teria condições de custear o envio de religiosos para diferentes províncias eclesiásticas nem poderia construir todos os colégios, conventos, igrejas e mosteiros que ergueu nas diversas localidades do Vice-Reino do Peru.

A consideração mais importante deste ensaio, sem dúvida, reside no exame das Ordens religiosas que se encarregaram da evangelização dos indígenas no Vice-Reino do Peru, pois o envio de missionários católicos a esse território significou levar a civilização às regiões de selva, como ficou evidenciado com o inestimável trabalho missioneiro do padre Samuel Fritz, que, inclusive, elaborou uma carta geográfica da região de Maynas de grande valor. Nesse contexto, é importante observar que os jesuítas, ao evangelizarem a região de Maynas, levaram os rudimentos da civilização a muitos povos amazônicos. O assunto, entretanto, é controverso sob o enfoque político, pois a região de Maynas é reivindicada pelas Repúblicas do Peru e Equador, que mantém discordância sobre a linha de fronteira comum a ambos. Se o encaminhamento de missionários para Maynas foi a partir de Quito, essa situação confere ao Equador o reconhecimento de direitos territoriais em Maynas. Tal situação, contudo, é contestada pelo governo de Lima com base em documentação posterior que lhe concede a região alegando estar no direito de posse da região.

Seja como for, o que fica evidenciado é que as Reduções dos inacianos, espalhadas pelos Rios Marañon, Pastaza, Morona, Aguarico, Napo e outros, deram origem a inúmeros núcleos urbanos conferindo direitos territoriais à Espanha (e seus sucessores territoriais) contra a apetência dos luso-brasileiros que faziam incursões nas zonas limítrofes. Sob o ponto de vista político, o objetivo da criação das Missões de Maynas foi atingido, podendo-se dizer o mesmo quanto ao início da civilização (européia) em meio a povos primitivos.

O resultado final deste estudo sobre as Missões de Maynas mostra que, apesar de serem poucos os jesuítas em atuação nessa região, foi desenvolvido um trabalho sem paralelo na História. Em regiões

desconhecidas e inóspitas, com a adversidade do meio ambiente, enfrentando a solidão, as picadas de insetos e cobras, além das incursões dos bandeirantes luso-brasileiros (citadas no *Diário* do padre Fritz), os missionários constituíram-se não só em defensores dos povos da floresta, mas também desbravadores que implantaram os elementos básicos de cultura hispânica, ou seja, idioma castelhano e tradição cristã em povoados que, hoje, são florescentes cidades como Borja, Iquitos, Yurimaguas, Nauta, Pebas, Santa Cruz de Succhabamba, Santa Maria del Huallga, Santo Domingo e outras tantas.

Convém ressaltar, ainda, a atualidade e importância das Missões de Maynas no contexto da controvérsia territorial Peru-Ecuador, já que as Reduções dos inacianos, muito embora estivessem dentro da província jesuítica peruana, simbolizaram um trabalho conjunto de aspectos peculiares à vida religiosa, intelectual, artística, moral e material da época, feito inteiramente pelos jesuítas da província de Quito, sob a jurisdição da Audiência deste mesmo nome.

8. REFERÊNCIAS

ABAD PEREZ, Antolin. *Los franciscanos en América*. Madrid: Mapfre, 1992.

ALBO, Xavier. Notas sobre Jesuítas y lengua aymarra. *49º Congreso Internacional de Americanistas*. Quito, 07-11-07-1997. Versão CDroom.

BALLESTEROS GAIBROIS, Manuel. *Historia de América*. Madrid: Pegaso, 1962.

FAGUNDES, Antonio. *Os Jesuítas, Assunção e Guairá*. Anais. *III Simpósio Nacional de Estudos Missionários*. Santa Rosa: Dom Bosco, 1979.

FORT, Guisepe. *Le Misiones gesuitiche, l'altra faccia della conquista dell'América*. (IN: *Legionários de Cristo. La evangelización del nuevo mundo*). Roma: Romana, 1992.

GEMELI, Agostinho. *O franciscanismo*. Petrópolis: Vozes, 1944.

GUEVARA ESPINOSA, Antonio. *Historia del Perú*. Lima: Bruño, 1986.

MARZAL, MANUEL. *Resúmenes del 49º Congreso Internacional de Americanistas*. Quito, 1997.

MILLÉ, André. *La Orden de la Merced*. Buenos Aires. Pelegrini impresiones, 1958.

MORALES PADRON, Francisco. *Historia Universal*. Madrid: Espasa-Calpe, 1975.

NAVARRO, José Gabriel. *Los franciscanos en la conquista y colonización de América*. Madrid: Hispánica, 1955.

PEREYRA, Carlos. *Breve Historia de América*. México: Aguilar, 1990.

PRIMER Congreso de estudios *misionales franciscanos*. Bogotá: Minerva, 1957.

RABUSKE, Arthur. *Antonio Ruiz de Montoya: vida e obra*. Anais. *VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros*. Santa Rosa: Dom Bosco, 1985.

SAN ROMAN, Jesús. *Perfiles históricos de la Amazonia Peruana*. Lima: Ediciones Paulinas, 1975.

SANTOS HERNANDEZ, Angel. *Los Jesuitas en América*. Madrid: Mapfre, 1992.

SCHALLENBERGER, Erneldo. *Missões Jesuíticas*. Santa Rosa: Dom Bosco, 1998.

Recebido em 15/09/2012 - Aprovado em 30/03/2013